

Título A artista que escava memórias coletivas
Data 7 de Setembro de 2025
Evento 36ª Bienal de São Paulo
Publicação O Estado de S. Paulo

Autor Alice Ferraz
Artista Pélagie Gbaguidi

C2

CULTURA & COMPORTAMENTO

DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 2025
O ESTADO DE S. PAULO

Alice Ferraz

colunaaliceferraz@estadao.com



NA WEB
 Acompanhe atualizações diárias
 da coluna no Portal Estadão
www.estadao.com.br

Entrevista. Pélagie Gbaguidi

A artista que escava memórias coletivas

Autodefinida 'griot contemporânea' discute papel ancestral para a linguagem pictórica

"Nem todo viandante anda estradas - Da humanidade como prática". Inspirada em poema de Conceição Evaristo, a 36.ª Bienal de São Paulo - que abriu ao público ontem - parte da escuta e da travessia como metáforas de um tempo em que humanidade e natureza precisam ser repensadas em conjunto. A curadoria, guiada pela ideia dos fluxos migratórios das aves como mapas simbólicos, reúne artistas de todos os continentes. Nesse cenário, a presença da artista Pélagie Gbaguidi soa quase inevitável. Sua obra é atravessada por deslocamentos, pela diáspora e por uma arqueologia afetiva das memórias silenciadas da história.

"É essa banalização da violência que precisamos enfrentar. A arte pode nos devolver a capacidade de sentir o outro"

Nascida em Dakar, de família beninense, e radicada em Bruxelas, Gbaguidi construiu uma carreira internacional que inclui exposições em instituições de peso na Europa e nas Américas. Este ano, além da Bienal paulistana, inaugura um grande painel no Fralin Museum, da Universidade da Virgínia, e participa da Bienal de Istambul. Mas é no Brasil que seu trabalho encontra um eco mais profundo: aqui, a artista vê um terreno fértil onde memórias afro-indígenas permanecem vivas, ainda que invisibilizadas. Sua obra toma forma como dança visual, onde traços, símbolos e gestos compõem narrativas em movimento. Mais do que de pintura, é uma experiência sensorial e política. "Minha prática é reunir nossa história, nosso passado, nossas memórias e a transformação social que precisamos encarar hoje", afirmou a artista em entrevista à Coluna. Para ela, não é possível enfrentar os dilemas contemporâneos sem revisitá-los que foi ignorado. "Meu trabalho não é sobre pessoas negras. É sobre feridas. Feridas que dizem respeito a todos nós, porque o trauma coletivo atravessa



COLAGEM DE THAIS BARROCO SOBRE FOTOS DE CAIO CUCIUCO

Artista está na 36ª Bienal de São Paulo e diz que patrimônio africano está presente no Brasil de forma invisível

sa toda a sociedade." A artista fala de "cura através da pintura". E diz: "Precisamos de um tempo de estarmos juntos, de olharmos e falarmos sobre o que aconteceu, de escutarmos uns aos outros. Não é uma parte contra outra, é todo mundo junto." Nesse gesto de empatia, ela transforma o ato artístico em reparação histórica. Autodefinida como uma griot contemporânea — a figura tradicional africana que guarda e transmite histórias pela oralidade —, Gbaguidi traduz esse papel ancestral para a linguagem pictórica. "Venho de um país onde a oralidade é processo vivo. O griot ativa a memória coletiva no cotidiano. Acredito que a pintura também pode ser esse espaço de ativação da memória, um território onde a vida se reinscreve." O Brasil, diz, é um País onde

esse patrimônio permanece em camadas sobrepostas. "Aqui, o patrimônio africano está presente de forma invisível, mas também física, nos rituais, nas celebrações das divindades, na linguagem do corpo.

"É neste solo que a história da colonização se mostra mais complexa, mas também onde vejo possibilidades de transformação social real"

O Brasil é uma fonte de lembrança e de conhecimento. Escavar esses saberes pode nos ajudar a perceber como estamos todos conectados." Para ela, o País lidera o caminho da reparação. "É neste solo que a história da colonização se mos-

tra mais complexa, mas também onde vejo possibilidades de transformação social real." Essa ambivalência se manifesta em sua leitura do Brasil: de um lado, as hierarquias e o racismo estrutural; de outro, a energia vital que resiste e insiste em permanecer. "O racismo ainda está no chão. Mas se você caminha, também vê a liberdade, a energia poderosa que foi deixada aqui e que continua a ser ativada." Na Bienal, Gbaguidi apresenta Guardian of the Cosmos, instalação que parte dos arquivos da Constituição brasileira para refletir sobre o direito à habitação. Em um percurso deambulatorio, o público atravessa estruturas que evocam memórias coletivas e encontra presenças simbólicas ligadas à água, à floresta, à comida, aos animais. "Habitar sempre foi

uma necessidade coletiva. Hoje, com o capitalismo, esquecemos disso e banalizamos até a violência de ver pessoas vivendo nas ruas. Minha obra quer reativar a noção de habitação como gesto de proteção, como microcosmo em ligação com o universo." A ausência de empatia é, para ela, um dos maiores riscos do presente. "As pessoas deixaram de sentir. Olham quem está na rua e pensam que merece estar ali. É essa banalização da violência que precisamos enfrentar. A arte pode nos devolver a capacidade de sentir o outro." Ao final, o que emerge é um chamado coletivo: "Quando caminhamos juntos, quando escutamos, percebemos que não se trata de um grupo ou de outro. É uma jornada de todos nós. É sobre humanidade."●